

A INTERCULTURALIDADE NA EDUCAÇÃO INDÍGENA

SILVA, Genivaldo Alves da¹
GOMES, Viviana²

1

RESUMO

A interculturalidade ocorre pelo entrecruzamento de culturas, nesse âmbito, a educação indígena ocupa um lugar de destaque, pois o intercâmbio que surge entre sociedades distintas, nessa modalidade de ensino, é evidente e mobiliza muitas ações de planejamento e condução do processo pedagógico. O presente artigo se configura como um estudo bibliográfico, que propõe discutir o conceito de interculturalidade, expor um breve contexto sobre a etnia Rikbaktsa ou povo canoeiro como são conhecidos, localizado as margens do rio Juruena e distribuídos em trinta e quatro aldeias. Apresentar a implantação das escolas indígenas no Estado de Mato Grosso, que teve seu processo de consolidação em território mato-grossense no início do período colonial e hoje se destaca em todo território nacional. Relatar o contexto da Escola Indígena Pé de Mutum, da Rede Estadual de Ensino, localizada no Município de Juara-MT, que abrange várias aldeias através de salas anexas e possui alunos matriculados em diferentes modalidades de ensino. Contudo, há ainda muitos obstáculos a serem vencidos para que o objetivo da educação indígena seja, alcançada, assim, o processo de interculturalidade se caracteriza como um importante mecanismo de garantia de aquisição de conhecimentos diversos e do direito à identidade cultural das sociedades.

Palavras-Chaves: Rikbaktsa, Educação Escolar Indígena, Interculturalidade.

ABSTRACT

Interculturality occurs through the intertwining of cultures, in this context, indigenous education occupies a prominent place, because the exchange that arises between distinct societies, in this modality of education, is evident and mobilizes many actions of planning and conduction of the pedagogical process. The present article is a bibliographical study, which proposes to discuss the concept of interculturality, to present a brief context about the Rikbaktsa ethnicity or canoe people as they are known, located on the banks of the Juruena River and distributed in thirty - four villages. To present the implantation of the indigenous schools in the State of Mato Grosso, which had its consolidation process in Mato Grosso do Sul at the beginning of the colonial period and today stands out throughout the national territory. To report the context of the Pé de Mutum Indigenous School of the State Education Network located

¹ Professor da Faculdade do Noroeste do Mato Grosso, Especialista em Gestão em Educação Física e Atividade Física – FIFASUL, Mestrando do Programa de Pós Graduação PPGensino da Universidade do Vale do Taquarí – UNIVATES Lajeado RS. E-mail: genivaldoa@bol.com.br.

² Professora da rede Estadual de Ensino de Mato Grosso – Seduc, Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura –FAEL. Mestranda do Programa de Pós Graduação do PPGensino da Universidade do Vale do Taquarí – UNIVATES Lajeado RS. E-mail:vivianaluhe@gmail.com

in the municipality of Juara-MT, which covers several villages through adjoining rooms and has students enrolled in different teaching modalities. However, there are still many obstacles to be overcome in order for the goal of indigenous education to be achieved, so interculturality is characterized as an important mechanism for ensuring the acquisition of diverse knowledge and the right to cultural identity of societies.

Key-words: Rikbaktsa, Indigenous School Education, Interculturality.

2

INTRODUÇÃO

A escola sem dúvida é o local onde as mais diversas formas de culturas se manifestam, produzindo dentro desse cenário educacional a interculturalidade. A escola indígena atualmente ocupa um lugar de destaque nas relações interculturais, uma vez que é percebida como um espaço privilegiado para produção da cultura e intercâmbio de conhecimentos entre as sociedades (MATO GROSSO, p. 247).

Quando se fala em interculturalidade em uma escola indígena, surge e a ideia da atuação de profissionais índios e não índios desenvolvendo suas atividades pedagógicas. Contudo, essa prática vai muito além da relação entre equipe pedagógica, equipe gestora e seus superiores em órgãos que regulamentem as atividades das unidades de ensino. Um exemplo marcante está no currículo, que além das atividades das culturas envolvidas deve respeitar a carga horária de disciplinas básicas das escolas regulares.

Dois características marcantes de uma escola indígena estão centradas no dualismo interculturalidade e bilíngue/multilíngue. Sendo que a preocupação em preparar um currículo indígena como intercultural nasce nas relações já existente. Os povos indígenas já estão se relacionando com as demais populações, antes mesmo de as escolas serem interculturais e não indígenas. As relações de contato com o mundo envolta das aldeias refletem diariamente dentro das unidades escolares indígenas. Ao entrar em contato com outras, uma dada cultura pode ser desestabilizada, relativizada e, até mesmo, contestada (NEIRA e NUNES 2009 p. 217).

A busca por compreender a prática da interculturalidade dentro de uma escola indígena da região noroeste de Mato Grosso, impulsionou o aprofundamento do assunto e fez-se estabelecer como objeto de estudo a Escola Estadual Indígena Pé de Mutum, localizada na Terra Indígena Japuira na Aldeia Pé de Mutum, localizada no município de Juara.

3

Esta pesquisa se caracterizou como sendo um estudo bibliográfico em documentos já publicados sobre o assunto. Para Cervo e Bervian (2002), a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos.

O artigo está estruturado em Introdução, contendo justificativa, objetivo geral e específico, o desenvolvimento buscará conhecer o povo Rikbaktsa, o processo de consolidação das escolas indígena em Mato Grosso, em seguida conhecer a Escola Estadual Indígena Pé de Mutum, e a relação Interculturalidade na Escola Estadual Indígena Pé de Mutum em seu processo de implantação.

1 Conhecendo os Rikbaktsa

Conhecidos, como “Canoeiros” por referência à sua habilidade no uso de canoas ou mais raramente como “Orelhas de Pau”, pelo uso de enormes brincos feitos de caixeta, introduzidos nos lóbulos alargados das orelhas, os Rikbaktsa têm seu idioma incluído no tronco linguístico Macro-Jê. Uma característica comum entre outras línguas indígenas é a diferença na fala masculina e feminina, de modo que a terminação de muitas palavras indica o sexo do falante. Torna-se relevante classificar os Rikbaktsa ao grupo Jê, apesar de estarem localizados numa região predominantemente do grupo Tupi (OLIVEIRA 2013 p.87).

Segundo Pires (2012) os Rikbaktsa estão localizados no sudeste amazônico, a noroeste do Estado de Mato Grosso entre o baixo curso dos rios

Juruena e Sangue (bacia hidrográfica do Juruena) em três terras Indígenas (TI) homologadas pelo Governo Federal.

Essas TI estão presentes nos municípios de Brasnorte, Cotriguaçu e Juara, a mais antiga dela foi demarcada no ano de 1968 recebendo o nome de TI Erikpaktsa ou Rikbaktsa. Com uma extensão (ha): de 79.934,8010 no município de Brasnorte, homologada/regularizada em 18/11/1987 (FERREIRA 2001 p. 164).

4

Paralela a Erikpaktsa foi criada no ano de 1986 a TI Japuíra. Tendo uma extensão de (ha): 152.509,8768 no município de Juara, sua homologada/regularizada em 15/08/1989 (FERREIRA 2001 p. 164).

Á última a ser demarcada foi a TI Escondido. Contendo uma extensão (ha): 168.938,4680 no município de Cotriguaçu, sendo homologada/regularizada em 21/07/1999 (FERREIRA 2001 p. 164). Sendo essa última separada das demais por algumas propriedades privadas, localizada mais ao norte do Estado. Tais terras, juntas somam um total de 401.382 hectares, com ampla presença de Mata Amazônica. (ARRUDA 1999, pg 36.)

A população Rikbaktsa vem a cada ano aumentando, hoje já são mais de 1.295 pessoas distribuídas por 34 aldeias que fazem parte de seu território. Sendo que este número pode ser ainda maior, pois faltam dados dos Rikbaktsas residentes nas zonas urbanas, principalmente do município de Juína, onde há um número significativo de Rikbaktsa trabalhando e estudando.

2 A Educação Indígena em Mato Grosso

O processo de implantação do sistema de ensino Indígena em território matogrossense teve seu início no ano de 1890, com a criação da primeira escola indígena para os índios Bororos. O governador da época e o bispo D.

Carlos Luiz D'Amour solicitaram a vinda dos padres salesianos para Mato Grosso, com a finalidade de “civilizar” os índios (MENDONÇA 2009 p.71).

Com o sucesso alcançado na pacificação dos índios Bororo e com o anseio em “pacificar” outras etnias, os missionários salesianos fundarão outras escolas em território matogrossense, em 1902 - missão dos “Tachos”, hoje Terra Indígena de Meuri, permaneceram por mais de dez anos ensinando-lhes as lições do evangelho, cultivar suas roças e a ler e escrever (MENDONÇA 2009 p.71).

Rondon também contribuiu para a consolidação da educação escolar indígena matogrossense, criou uma escola para o povo Paresi, sendo essa localizada na estação telegráfica Ponte de Pedra. Para Rondon, era de fundamental importância que os índios aprendessem a ler, escrever, cantar o hino nacional e ter respeito profundo à bandeira brasileira (SIQUEIRA, 2002 p. 170).

Anos mais tarde os índios Paresis, foram transferidos para o internato Utiariti, pois ali se encontravam várias outras etnias, Nambikwara, Irantxe, Apiaká, Kayabi, Rikbaktsa. Fato interessante é que o internato reunia crianças de diferentes etnias, muitas de povos historicamente inimigos (MENDONÇA 2009 p.71)

Sem dúvida os Missionários Evangélicos também contribuíram para o cenário educacional matogrossense, pois no ano de 1950, criaram o SIL – Summer Institute of Linguistics, tendo como intuito salvar a cultura indígena, especialmente as línguas indígenas. A partir desse trabalho, vários indígenas, se tornaram pastores e ampliaram sua atuação SIL (MENDONÇA 2009 p. 72).

3 A Escola Estadual Indígena Pé de Mutum

A Escola Estadual Indígena “Cacique Matsã”, localizada no município de Juara, noroeste de Mato Grosso, foi criada pelo decreto n 1858, de 20 de

Março de 2009, teve seu nome alterado para Escola Estadual Indígena “Pé de Mutum”, através do decreto n 85 de 02 de fevereiro de 2011.

O seu credenciamento foi aprovado no dia 13 de julho de 2010, através do CEB n 175/2010-CEE/MT – Conselho Estadual de Educação, o seu funcionamento foi liberado pela autorização do CEB N 315/2010 – CEE/MT, convalidando a Etapa do Ensino Fundamental da Educação Básica, e publicado no Diário Oficial do Estado no dia 03 de Agosto de 2010.

6

A Escola Estadual Indígena Pé de Mutum, localizada a margem direita do rio Juruena na aldeia Pé de Mutum, está localizada a 96 Km, do município de Juína, sendo composta de cinco salas anexas, o traslado para estas salas é todo feito por via pluvial.

O espaço físico da Escola Estadual Indígena Pé de Mutum é composto de seis salas de aulas, uma cozinha construída separadamente das salas de aulas, a construção é em madeira e coberta com telhas de amianto o piso é de alvenaria, a construção dessa unidade de ensino ficou a cargo da Diocese de Juína.

A escola Pé de Mutum possui um quadro de funcionários administrativos composto por um diretor (Rikbaktsa), um coordenador pedagógico (Rikbaktsa), uma secretária não indígena, além de quatro educadores (Rikbaktsa) dois sem habilitação, um com magistério e um formado em letras pela Unemat, esses educadores atuam nos três primeiros ciclos de formação humanas.

Três professores não índios trabalham no ensino médio, possuem a seguinte formação: letras, matemática e geografia. A escola principal tem hoje 84 alunos matriculados e frequentando, divididos em todas as modalidades de ensino. (Eja, Ensino Médio e Ciclo de Formação Humana).

Sala anexa Aldeia Divisa Marcolino, conta com dois Educadores e não são formados, lecionam nos três primeiro ciclos de formação humana, para um total de vinte alunos, matriculados e frequentando.

Aldeia Jatobá, com um total de quarenta e dois alunos matriculados e frequentando, estes educandos estão distribuídos nos três primeiros ciclos de formação humana, além da modalidade de ensino EJA (educação de jovens e adultos), essa sala conta com dois educadores (Rikbaktsa) nenhum Habilitado.

7

Sala anexa aldeia Cerejeira, possui as mesmas modalidades de ensino da sala anexa anterior, tendo vinte e nove alunos matriculados e frequentando, exercendo a função docente nessa sala três professores (Rikbaktsa), apenas um possui habilitação em magistério.

Sala anexa aldeia Japuíra, possui seis alunos matriculados e frequentando os três primeiros ciclos de formação humana, possui um professor (Rikbaktsa) responsável pela sala, não possui habilitação específica.

Sala anexa aldeia Castanhal, um professor (Rikbaktsa) responsável pela sala, não sendo habilitado, o total de alunos matriculados e frequentando, são onze alunos divididos nos três primeiros ciclos de formação humana.

No Ensino Médio Regular os alunos estudam 20 dias na Escola Pé de Mutum, e depois retornam as suas aldeias. Já os alunos que frequentam os ciclos de formação humana e Eja frequentam as aulas em suas aldeias e são organizados em turmas multiseriadas.

4 A Interculturalidade na Escola Estadual Indígena Pé de Mutum

O processo de escolarização do povo Rikbaktsa no sistema tradicional de ensino teve início após o contato com os não índios (seringueiros). Antes a educação era realizada dentro da própria aldeia, de forma tradicional aos jovens Rikbaktsa. De acordo com DORNSTAUDER (1975, p.07) essa é uma característica específica da etnia Rikbaktsa, “é que os jovens são formados por

um mentor, havendo na grande casa comum uma parte destinada a eles, em separado”.

Esse local destinado exclusivamente para os meninos e rapazes, onde eram educados, ficava no centro da aldeia em uma grande casa e recebia o nome de Mykyry, tinham a responsabilidade pela educação desses jovens o ancião da aldeia e o seu pai, ali se aprendia tudo que era necessário para a sua vida.

No ano de 1988, teve início o processo de alfabetização na área indígena Japuira, logo após a demarcação, homologação e ocupação da referida área. Na época não se tinha escola na aldeia, as aulas eram ministradas por pessoas da comunidade sem nenhuma remuneração, tendo como local de ensino as casas das próprias famílias.

Os primeiros alfabetizadores a desenvolver a docência naquela área foram Donato Bibitata e João Batista Eskawata, ambos formados em Magistério através do Projeto Tucum. Logo em seguida lecionaram na aldeia Japuira, os professores Eriberto Nabita e Beatriz, ambos com habilitação em Magistério. A aldeia Japuira contou com a colaboração dos professores Nicolau e Tomaz.

No ano de 2000 foi criada a escola pelo município de Juara, sendo denominada *Escola Municipal Indígena Cacique Matsã*. Porém, o município acabou não cumprindo devidamente com as obrigações, deixando a desejar no tocante à construção de salas de aula e na parte de infra-estrutura, tais como a aquisição de mesas, carteiras, quadro, material didático, entre outros. Além disso, não havia oferta de formação específica para os professores indígenas e o acompanhamento por parte do Coordenador Pedagógico acontecia de forma esporádica, tornando mais difícil o trabalho dos professores e a garantia de uma educação de qualidade aos alunos.

Durante o encontro anual dos professores Rikbaktsa, realizado em outubro de 2008 na aldeia Pé de Mutum, a comunidade fez uma ampla avaliação sobre a situação da escola e, diante das dificuldades expostas

acima, resolveu dar início ao processo de “estadualização” da referida escola, através de documento encaminhado ao Secretário de Educação do Estado de Mato Grosso, Sr. Ságuas Moraes, que, por sua vez, não tardou em analisar o pedido para dar uma resposta à comunidade. Assim, no dia 20/03/09 o Diário Oficial publicou a criação da *Escola Estadual Indígena Cacique Matsã*, sob o decreto nº 1858/2009.

9

Considerações Finais

É bastante claro, na contemporaneidade, a iniciativa violenta de homogeneização da cultura, mas também há espaço para resistência e propagação do respeito à diversidade cultural. A escola, de fato, deve assumir um posicionamento contra a discriminação e a opressão, ao mesmo tempo que estimula o fortalecimento da identidade.

Nesse viés, enfatizasse a escola indígena, pois originalmente tem o estigma de instituição trazida pelos colonizadores, mas que precisa ser adaptada ao cotidiano dos povos indígenas. Corroborando com as Orientações Curriculares das Diversidades Educacionais, que estabelece o espaço escolar, antes associado ao domínio do colonizador, deve passar por uma ressignificação, assim, assumindo a identidade de um lugar comprometido com o convívio de diferentes saberes.

A interculturalidade vem ganhando espaço no cenário nacional, pois atribui o sentido de troca de experiência, de solidariedade que perpassa a convivência entre diversas culturas, e ao tratar da educação indígena é indispensável, já que assegura as condições para que as características próprias dessa modalidade de ensino, e especialmente, de cada comunidade indígena sejam respeitadas em todo o processo.

Um modelo intercultural na educação, não se liga a aspectos arquitetônicos do ambiente escolar, ou de exigência ao mesmo tempo de professores indígenas e não indígenas, antes está intimamente relacionada aos conhecimentos. E todo o planejamento do processo educacional, do currículo intercultural, estratégias utilizadas, até a clara necessidade de formação de professores indígenas, para garantir a participação das comunidades interessadas nas políticas públicas.

10

Professores preparados podem mais facilmente promover o equilíbrio entre as aquisições de conhecimento que possibilitam melhora na participação da sociedade nacional e a manutenção e afirmação de sua própria cultura, dessa forma, garantindo que cada etnia decida como se dará sua inserção na sociedade, assim, respeitando o objetivo de cada comunidade indígena.

REFERÊNCIAS

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica: para o uso dos estudantes universitários**. 3 ed. São Paulo, McGraw-hill do Brasil, 1983.

DONSTAUDER, João Evangelista. **Como Pacifiquei os Rikbáktsa**. Instituto Anchieta de Pesquisas. São Leopoldo. Rio Grande do Sul. 1975.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Mato Grosso e Seus Municípios**. Cuiabá: Secretaria de Estado da Educação, 2001.

FERREIRA, João Calos Vicente; Silva e Costa, Paulo Pitaluga. **Breve História de Mato Grosso e de Seus Municípios**. Cuiabá, 1994.

MATO GROSSO. **Secretaria de Estado de Educação. Orientações Curriculares: Diversidades Educacionais**. SEDUC. Cuiabá. Gráfica Print, 2012.

MENDONÇA, Terezinha Furtado de. **Gestão escola: interculturalidade e protagonismo na escola Indígena.** Cuiabá-MT: EdUFMT, 2009. 150 p; 21 cm (coletânea Educação Escolar Indígena; v. 6)

11

NABITA, Eribeto; TSIBATSIBATA, Matias; BUTAMY, Tarcisio. **RIKBAK TSA HARERE PINYMYRY: Vamos Aprender a Língua do Povo Rikbaktsa.** Trabalho de Conclusão de Curso. UNEMAT: Barra do Bugrues MT, 2006.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, currículo e Cultura.** São Paulo: Phorte, 2009. 288p.

PIRES, Paula Wolthers de Lorena. **Rikbaktsa: um estudo de parentesco e organização social.** São Paulo: Humanitas, 2012. 170 p (produção acadêmica premiada)

OLIVEIRA, M.T. **Etnolinguística: semelhança e diferenças Tupi e Macro-Jê.** Revista Científica da Ajes. V.4.p.79-88, 2013.

SILVA, Léia de Jesus. **Aspecto da Fonologia e morfologia na língua Rikbaktsa.** 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras. Departamento de Linguística, língua Clássicas e Vernácula. Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: http://www.etnolinguistica.org/local—files/tese:silva2005a/silva_2005.pdf. Acesso em: 13, fevereiro, 2015.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: Da ancestralidade aos dias atuais.** Cuiabá: Entrelinhas, 2002. 272 p; 28 cm.